



vaca

xadrez



Zebra

3. Recortes.

De cartolina, contendo sentenças, quando das aulas do 1º passo, conforme as modelos abaixo:

1)

Eu vejo uma bola

2

Aqui está uma bola

3. Esta bola é de borracha

Na fase de transição, usaremos recortes conforme o modelo que se segue:

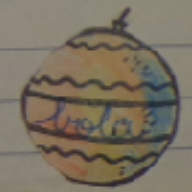
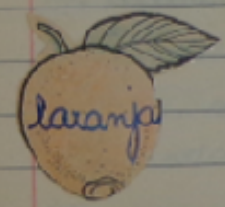
1. Esta boneca é de Lúcia

2. O rato roe o queijo

3. A garrafa de gazosa

está vazia

Quenches recortados, como, por ex: - frutas, peixes, passarinhos, borboletas, coelho, etc. Nos recortes poderão ser recortas palavras, quando do 2º passo, sílabas, quando do 3º passo, e letras, quando do 3º passo.



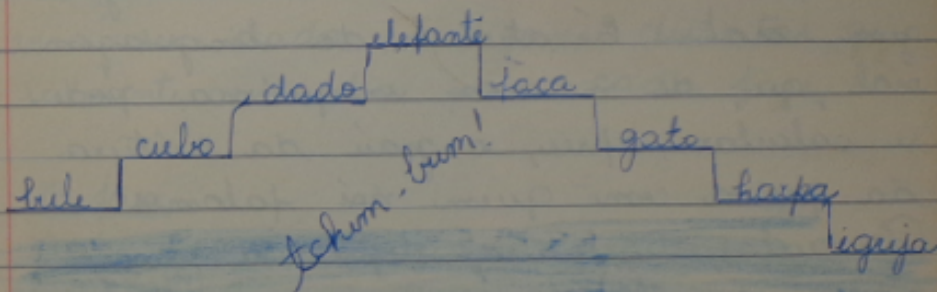
Casos com hexígonos:



4. Gráficos. Entre os gráficos mais comuns para a elytrização de uma aula de alfabetização do 2.º passo, temos em 1.º lugar, a escada, conforme modelo abaixo:

casa
bule
dado
anel

Usa-se também a escada sobre o rio, de modo que, o aluno que não conseguir subir e descer a escada, cairá no rio, e a assistente usará a pala: "ma tchim-bum!"



Usando o mesmo gráfico com pregos embaixo, e com a linguagem onomatopáica ui, ui, ou ai ai, e poderá animar, dar vida à sua aula, do 2.º ao 4.º passo.

A metodologia da Linguagem

Sumário. Linguagem oral: A leitura, a interpretação - Linguagem escrita: a cópia, exercícios completar e ordenar sentenças, a reprodução, a descrição - O ditado. O gênero epistolar.

A primeira aula que qualquer professor dá em sua escola é a de linguagem oral. É através da linguagem oral, que, de maneira inequívoca, pode-se calcular, apriori, o grau da cultura da pessoa com quem nós falamos.

As aulas de leitura, depois de vencida a fase da alfabetização, são verdadeiras aulas de linguagem oral, isto porque a Escola Nova não se satisfaz com a leitura simplesmente, ela quer também a interpretação, a compreensão, pois, do contrário a leitura nada representa.

As aulas de leitura devem inicialmente ser dadas, nas 1^{as} ~~se~~ semanas, com os livros usados no ano

anterior. Constitue regra geral, no início do ano letivo, uma rápida recapitulação daquilo que foi ministrado no ano anterior. Somente depois desta recapitulação é que a nova etapa deverá ser iniciada.

A orientação metodológica para o ensino da leitura não tem sofrido variações neste último decênio. A lição de leitura será dada em 3 fases distintas, geralmente, um dia para cada fase.

1^a fase -

Nesta fase, o professor dará uma aula de linguagem oral com todos os seus requisitos. O mestre, recorrendo ao material de ilustração adequado, contará, com linguagem clara, correta e acessível, a história que a lição a ser estudada contém. Assim, por exemplo, a leitura da lição: "O lenhador honesto".

Com o cartaz n^o 1 - o mestre iniciará a história, e com os demais cartazes,

a história será continuada e terminada. Com os cartazes à vista, os melhores devem estar em condições de reproduzir aquilo que acabaram de ouvir.

Contada a história, o professor determinará que cada aluno abra o seu livro na página tal, momento em que, percorrendo a classe, verificará se a sua ordem foi considerada.

O professor, colocando-se à frente da classe, lerá a lição, articulando bem as palavras, sem sair do lugar, e acompanhará silenciosamente a classe, para observar se todos os alunos estão aproveitando o seu trabalho. Isso se torna mais fácil quando por ocasião de virar a página.

Depois da leitura pausada, o professor determinará a análise da lição, que geralmente é feita do seguinte modo:

1. Considera-se a extensão do texto. Se este for muito longo, geralmente

a divisão deverá ser feita em 3 partes, cada uma constituindo um ato completo.

2. Feita a divisão, a 1ª parte da lição será analisada pelo próprio aluno, através de uma leitura silenciosa.



O cavalo e o burro

Depois desta leitura, cada aluno manifestará a sua dificuldade, tanto para a compreensão do texto, como para o conhecimento dos vocábulos difíceis, porventura encontrados. Nesta altura o professor entrará em ação.

Através da linguagem oral, exclusi-

ra as dúvidas existentes, podendo, também, registrar no quadro negro, o vocabulário das palavras que oferecem dificuldades ao educando.

De igual modo, as demais partes da lição serão analisadas, e para concluir a 1ª parte, o professor colocará-se à frente da classe e fará mais uma vez outra leitura articulada da lição inteira, novamente, observando rigorosamente a classe.

Será depois desta leitura determinada a guarda do material, momento em que o professor recomendará a leitura em casa, e deste modo, a 1ª fase, que é intitulada - preparo - está terminada.

2ª fase -

No dia seguinte, na aula de leitura, o professor pedirá a reprodução do texto para dois alunos mais adiantados. Cada aluno fará a

sua reprodução. Em seguida, o professor determinará a altura dos livros, depois do que, pedirá uma leitura silenciosa do texto. Prossequindo, pedirá para que um dos alunos leia a 1ª parte da lição. Depois da leitura, esse mesmo aluno deverá dar a interpretação do texto lido.

Um segundo aluno lerá o 2º trecho obedecendo a mesma orientação, e assim, outro aluno será chamado, até que o texto todo seja lido parceladamente pelos alunos, e também, parceladamente interpretado pelos mesmos.

Nesta fase, chamaremos os alunos considerados melhores, isto porque os alunos mais fracos, na 2ª fase não imitarão.

Comem acrescentar ainda, que nesta fase o professor deve analisar e esclarecer, através de exemplos, o vocabulário da lição.

Para encerrar esta fase, o professor

podera' determinar a leitura da lição toda por um aluno, cuja leitura seja digna de imitação, e na impossibilidade de um aluno em tais condições, o próprio mestre devera' ler a lição toda, como modelo, mais uma vez. Esta fase denomina-se execução.

3ª fase - denomina-se verificação.

No 3º dia, o professor determinará a leitura corrente da lição, levando em não em consideração a divisão feita por ocasião do preparo. Deve o professor chamar o maior número possível de alunos, principalmente os alunos que não foram chamados no dia anterior. Afim de garantir a atenção, o professor deve usar artifícios, tais como: determinar que um aluno pare de ler e que um outro continue.

Nesta fase, para encerrar o estudo

da lição, o professor devera' determinar a leitura em coro, tantas vezes quantas necessarias forem. Isto não quer dizer que na 2ª fase a leitura em coro não encontre lugar.



Entre os artificios que podemos recomendar para as aulas de leitura, além da leitura silenciosa, que reputamos de alta significação, sugerimos também a leitura dialogada. Esta exige muita atenção por parte dos leitores. Recomendamos também quando possível,

a leitura dramatizada. Esta, além das vantagens comuns que a leitura oferece, constitue oportunidade para a relaxação das tendências artisticas e literarias.

Na leitura dialogada a orientação

podera' ser tambem a seguinte:

O professor representa um dos leitores e todos os alunos representam o outro leitor. Assim sendo, a leitura, além de dialogada e tambem leitura em coro.

Todo professor tem ampla liberdade para escolher o seu livro de literatura.

Recomendamos tambem a organização de uma biblioteca escolar, que devera constituir, não prabrimônio da escola, e sim, do mestre.

Quanto à orientação metodológica para as aulas de literatura, quanto aos artificios recomendados nada mais acrescentaremos, a não ser, o entusiasmo, a persistência, elementos que em quaisquer metodos ou processos de ensino, constituem elementos positivos.

Nenhum valor tem a leitura mecanica. A Escola Nova quer a leitura inteligente, dai, a necessidade da interpretação, da compreensão

por parte dos alunos, das leituras efetivadas. Ler sem entender, falar sem saber, não é para o bipede implume.

A mesma interpretação dada oralmente a um trecho lido, podera' servir de motivo para uma aula de linguagem escrita.

As aulas desta disciplina devem ser precedidas de um preparo, que nada mais é do que aula de linguagem oral. Vejamos, como exemplo, a 1ª aula de linguagem (oral) escrita, no 1º ano. Trata-se da copia do nome. O professor escreve o nome do aluno numa tira de cartolina, como modelo:

Jorge Rocha Filho

© aluno, ao receber o referido modelo, será orientado através de uma conversação. Esta orientação está dentro da linguagem oral.

Nas aulas de linguagem escrita, quanto mais complexo for o gênero, tanto melhor deverá ser a preparação.

Além da cópia do nome, no 1º ano, temos os exercícios de cópia de sentenças - estes exercícios somente poderão ser apresentados depois que o aluno tenha vencido o 1º passo da alfabetização e que a cópia do seu nome não constitua dificuldade.

Ainda nesta classe, porém nos últimos meses do ano, o professor poderá apresentar exercícios de completar sentenças, desde que estas sejam fáceis, e reunidas entre si, formem uma história lógica e interessante.

No 2º ano, as aulas de linguagem oral e escrita, ainda continuam paralelamente, isto é, no mesmo

dia em que se dá a aula de linguagem oral, imediatamente após, se dá também a aula de linguagem escrita, como nos casos de completar sentenças, ordenar sentenças, formar sentenças com palavras dadas etc.

No 3º e 4º ano as aulas de linguagem escrita serão dadas em 3 fases distintas. Na 1ª fase, que denominamos preparo, o professor dá uma aula de linguagem oral, isto é, prepara oralmente o trabalho que deverá ser realizado graficamente. Ex: uma descrição, uma composição, uma reprodução, etc.

A 2ª fase, que denominamos execução, o professor deverá apresentar o motivo já observado no dia anterior, e de uma maneira rápida, focalizar os aspectos mais salientes e importantes do motivo, e depois, determinar a execução do trabalho.

Durante esta fase, o mestre deverá prestar assistência constante aos alunos, que

apelando para aspectos que estão sendo olvidados, bem como corrigindo fli-
pante, que é o melhor tipo de corre-
ção.

A 3ª fase, que denominamos - correção
será levada a efeito do seguinte mo-
do: os trabalhos executados, serão re-
colhidos. O professor levá-los-á para
casa, a fim de corrigi-los, tendo o cui-
dado de aproveitar no máximo a i-
diéia do aluno. A correção será fei-
ta, cobrindo a palavra errada (quan-
do do ensino), para no dia seguinte,
com um aluno adiantado no quadro

negro, proceder a correção necessária.
Sobre a palavra coberta, o professor
deverá escrever com tinta vermelha, a
palavra correta.

Entre as várias fontes que o professor
podrá se orientar para as suas aulas
de linguagem, destacamos o "Manual
do Ensino Primário" de Miguel Milano,
no qual nos encontramos muitas su-
gestões, tanto para a linguagem oral,
como para a linguagem escrita.

Seamos também, a coleção "Composições e
colares" de Antonio Pedro Wolff.

Julgamos, também, muito útil as "Exerci-
cios de Redação", de Leonor Posada.

Além distes, temos os cadernos de lin-
guagem, os quais deverão ser analisa-
dos pelos professores, e posteriormente
adotados.

Um dos grandes problemas nas aulas de
linguagem escrita é o da correção.

A correção, quando tem por objetivo
ensinar, deverá ser feita do seguinte
modo: a palavra que foi grafada
erradamente, deverá ser coberta a lá-
pis e sobre esta cobertura, o professor
escreverá a palavra corretamente, à ten-

tinta vermelha. O aluno, ao receber o seu trabalho já corrigido, escreverá na margem do mesmo, a palavra que lixeu, duas ou mais vezes, conforme a gravidade do erro. Se a correção for com o objetivo de valorizar o trabalho, daí, então, o professor grafará com tinta vermelha os erros, e nada mais.

Somei de opinião de que os erros observados quando das avaliações dos trabalhos, deverão constituir motivos para aulas especiais a serem ministradas dentro do maior breve tempo possível. Nas aulas de descrição o mestre deve se esforçar no sentido de que a observação seja feita da melhor maneira possível, partindo do todo pa-

ra as partes. A visão geral deve preceder a visão parcial; de acordo com a teoria da "gestalt" os trabalhos de descrição devem preceder os trabalhos de composição. Enquanto aqueles exigem observação, estes exigem imaginação. Esta é inconcebível sem base naquela. Nos trabalhos de descrição, o mestre deve restringir-se inicialmente à observação da realidade, embora esta exigência não seja tão férrea, em se tratando do trabalho do aluno. Somente devemos impedir denominações - nome de pessoas, de animais, etc, que nunca podem fazer parte de uma descrição, e não ser que estas denominações estejam expressas.

Quanto aos trabalhos gráficos de reprodução - devem preceder a composição, pois esta exige imaginação criadora, e aquela, simplesmente imaginação reprodutora. - criar é mais difícil que reproduzir.

Não poderíamos deixar de, em se tra-

tando da metodologia da linguagem, focalizar, embora rapidamente o ensino da caligrafia. Este ensino tem sido de uns anos a esta parte negligenciado. Julgamos que esta lacuna deve ser responsabilizada pela letra pia que escrevamos na escola (primária/secundária)

As aulas de caligrafia tem sido condenadas por alguns professores. Estes alegam que toda aula de linguagem escrita é também de caligrafia. Concordamos com esta afirmação, mas somos de opinião de que este argumento não é suficiente para destruir a importância das aulas de caligrafia metodizada.

As aulas de caligrafia nos 1º e 2º anos devem ser dadas a lápis; nos 3º e 4º anos à tinta.

Condenamos os cadernos que têm um modelo fixo impresso, isto porque, o aspecto dinâmico que deve estar pre-

sente em todos os processos de aprendizagem, em tais condições não existe.

As aulas de caligrafia devem ser dadas com o auxílio de ilustrações, pois, na sua fase preparatória, ela não passa de uma aula de linguagem oral. Admitamos, como exemplo, a história da formiga. Com o primeiro cortejo, dizemos que a formiga foi à procura de alimento, e nesse instante caia uma folha de uma árvore



Com o 2º cartaz, explicaremos que a formiga não tinha forças para transportar o alimento que encontrava.



Com o 3º cartaz, demonstramos que a união das 4 formigas foi muito útil, pois, reunidas, sem dificuldade, transportaram a carga, que para uma só formiga era demasiadamente pesada.

Contada a história, o professor poderá procurar obter a lição que ela ensina. Se a obtiver sem dificuldade, melhor.

Do contrário, dirá que a história nos ensina, e que - A união faz a força.

Em seguida, a classe deverá preparar-se para a execução do trabalho, e enquanto isso ocorre, o professor deverá brincar no quadro negro, com o auxílio de uma régua, as palavras necessárias à apresentação do modelo.

A união faz a força

Para iniciar o trabalho gráfico, o professor poderá pedir a participação dos alunos, indicando um, para dizer qual a 1ª palavra que vai ser escrita, momento em que o professor dirá das características da letra mai-

úscula, que está sempre presente no início das sentenças, bem como, no início dos nomes das pessoas.

Em seguida, o mestre recrerá o modelo, mediante observação intensa da classe. Em seguida, a classe será convidada a estender o braço direito, e apontar com o dedo indicador, a palavra que foi escrita, e imitando o mestre, escrever no ar com o dedo, o modelo apresentado.

Executado este movimento, o professor determinará que cada aluno tome de seu lápis e escreva no seu caderno, cópia da melhor maneira possível o modelo existente no quadro negro.

Enquanto isto ocorre, o mestre, com uma borracha na mão, atenderá uma parte da classe.

Continuando, o professor determinará que cada aluno descanse o seu lápis e pedirá a 2ª palavra da lição.

A palavra será escrita sob observação

intensa da classe, e depois de escrita no ar, a 2ª palavra será escrita no caderno, e assim, sucessivamente, até o final da sentença.

O modelo existente no quadro negro poderá ser copiado 3 vezes. Durante a cópia, a assistência do mestre deve ser constante.

Condenamos decoretes de caligrafia. Essas tarefas são geralmente improdutivas.

Condenamos também, aulas de linguagem escrita no caderno de caligrafia.



A onça e o bode

A professora poderá iniciar as aulas de caligrafia, conforme a orientação metodológica seguida no 2º semestre do 1º ano. Geralmente, as aulas de caligrafia nos 3º e 4º anos poderão ser liberadas dos momentos vacutados no ar.

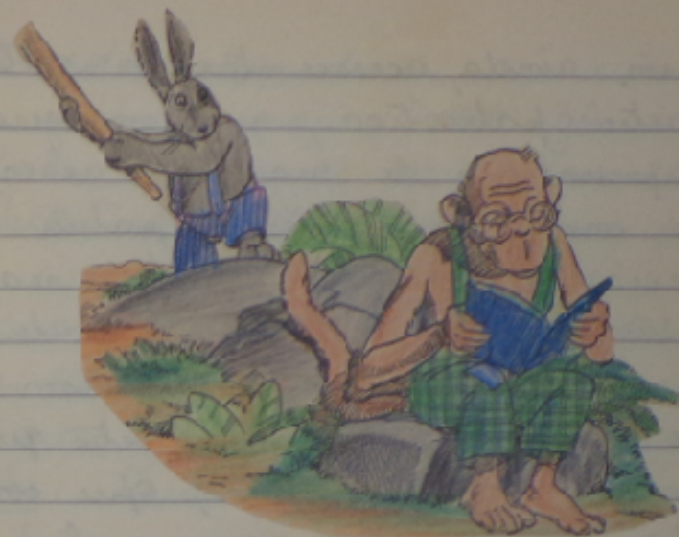
Os motivos para as aulas de caligrafia devem ser sugestivos. Entre estes, recomendamos aqueles que consubstanciam fábulas, tais como:

A raposa e as uvas





A raposa e o bode



O macaco e o coelho



A onça e o gato

Conven, ainda acrescentar os motivos de carácter patriótico, que em geral são apresentados de maneira associada ao ensino da história pátria.

Os exercícios do género epistolar realmente são iniciados, quando o aluno está no 2º semestre do 2º ano, com a redacção de bilhetes, exercícios estes que são precedidos pelos recados, que constituem aulas de linguagem oral.

No 3º ano, já os exercícios do género epistolar podem ter a forma de carta e precisamente deverá ser assim em se tratando de escola isolada, onde o 4º ano não existe.

A técnica do género epistolar tem seu início já na data e prolonga-se até o final, que consiste na assinatura do remetente.

A carta é geralmente dividida em 3 partes: de início é a introdução; em seguida vem o motivo da carta, e finalmente, o encerramento.

Os motivos que devem ser exercitados na escola primária, deste género, são:

- 1) Carta, convidando para formatura
- 2) Carta, convidando para uma festa de aniversário.
- 3) Carta, convidando para um passeio nas férias.
- 4) Carta, comunicando um fato familiar.

Obs: Para cada carta, exercitamos também uma resposta correspondente.

Além do género epistolar, somos de opinião de que convenir orientar os alunos do último ano da escola primária a respeito da redacção de requerimentos, tendo em vista a sua frequente aplicação na vida prática.





Os dois burrinhos e os dois montes de capim.

Recursos recomendados para as aulas de linguagem oral e escrita

- 1- Coleção para o ensino de linguagem, de Marizmo, de Oliveira e Rosa Jordal.
2. Quadros avulsos da Revista do Ensino, editada em Porto Alegre.
3. Coleção intitulada: "Composições escolares", editada por Maria Melhoramentos.

4. Figuras de

5. Entre os consultados, mas os seguintes:
 - a) Caderno dos de Ag...
 - b) Leobaldo
 - c) Antonio
 - d) Deborah Pa...



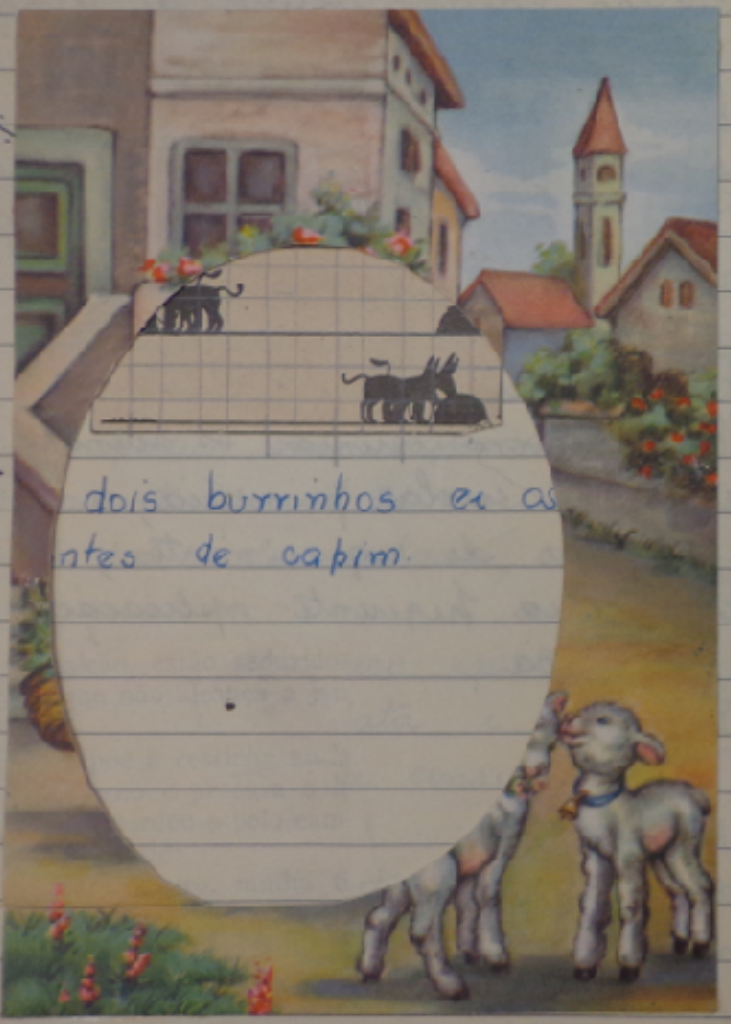
- e) de Português - 1º ano.

Lionel Paesada - Exercícios de redação (livro ótimo)

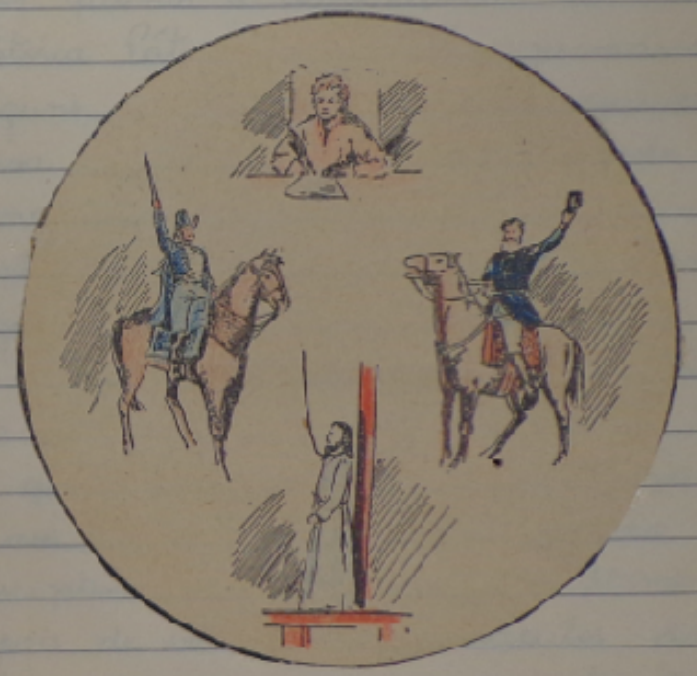
Obs: O professor deve anualmente visi-

tax as editoras, para conhecer as suas
novedades.

Visto: 6.1.58



Orientação metodológica do ensino da História.



Orientação metodológica do ensino da História.

Introdução - Resumo histórico - Os objetivos - Métodos - Processos - Recursos pedagógicos - Orientação metodológica.

Introdução - Não há harmonia entre os pedagogos quanto à conveniência do ensino da História Pátria nas escolas primárias.

Alguns educadores afirmam que o ensino dessa disciplina deve ser iniciado logo no 1º ano; outros afirmam que o ensino somente deverá ser iniciado no 2º ano, e alguns mais radicados pretendem abolir o ensino da História no currículo primário.

O que ocorre normalmente e com o que estamos de acordo, é que o ensino desta disciplina seja iniciado no 1º ano, porém, depois de vencidos os obstáculos da alfabetização e da iniciação aritmética.

Assim sendo, o professor geralmente inicia o ensino da História Pátria

no início do 2º semestre, ou, na melhor das hipóteses, no mês que preceda as férias de inverno.

Resumo histórico - A educação antiga, bem como a educação clássica não se preocuparam com o ensino da História. Se nós consultarmos o currículo da escola primária do oriente, da Grécia e de Roma, não encontraremos a História.

Provavelmente, o interesse pelo ensino da História surgiu com o cristianismo, talvez, em vista de ser o cristianismo quem criou o conceito de humanidade.

Durante a Idade Média, o ensino da História foi também negligenciado; em-lora, comporta-se circunscrito, durante a Idade Média, a especulação filosófica, as pesquisas científicas superam as restrições peculiares da idade medieval, tendo em vista as preocupações de carácter religioso.

O primeiro polívaco a introduzir

o ensino da História nas escolas elementares foi Frederico II da Prússia. Este fato ocorreu no ano de 1773.

Acontece, que durante todo o século XVIII e até mesmo, meados do século XIX, não se vulgarizou o ensino dessa disciplina. Somente a partir da 2ª metade do século XIX é que todas as escolas elementares dos países civilizados incluíam no seu currículo, o ensino da História, cujo valor educativo, cuja importância socializadora não seria lícito ignorar.

Atualmente, o ensino da História alcança profundidade. A partir do 1º ano da escola primária, a História é ensinada com o objetivo de despertar na criança, o gosto pelo conhecimento do passado histórico de sua pátria, bem como, para despertar o entusiasmo e o entusiasmo para as coisas de sua terra.

Um dos grandes pensadores do passado, Cícero, denominou a História,

como sendo "mestra da vida".

Esta definição resistiu os séculos, e exprime uma grande verdade, até o presente. Kerschensztiner afirmou que o ensino da História é de grande importância, isto porque, graças a ela é que a educação forma cidadãos úteis, perante à sociedade em que vivem.

Entre os pensadores das diversas nações adiantadas do mundo, não há completa harmonia, com referência ao campo que a História deve atuar.

Uns acham que é o bastante a apresentação dos fatos históricos relacionados com a Pátria; outros acham que o ensino da História deve ter carácter universal. Estas duas correntes apresentam as suas justificativas.

Os que defendem o ensino da História na Pátria, o fazem com o objetivo de exaltar o sentimento cívico, o patriotismo, aquisições que, inegável-

mente representam valores



Aqueles que defendem o ensino da História, sem limites territoriais, afirmam que a sociedade deve formar o homem universal.

Somos de opinião que os que pri-

meios têm razão em se tratando do ensino da História na escola primária, e os segundos têm razão em se tratando do ensino da História na escola secundária e superior.

O ensino desta disciplina convém seja iniciado no início do 2º semestre do 1º ano.

A criança logo depois que vem a alfabetização, logo que domina as primeiras noções de aritmética, está em condições de receber as primeiras noções de História Patria.

O ensino da História, talvez, é um dos mais fáceis, isto porque, é natural a criança gostar de histórias.

O programa atual é muito deficiente com referência ao ensino da História. Limita-se apenas à recitação de algumas poesias de carácter patriótico. O programa antigo era muito supe-

rior ao atual, neste particular.

Acontece que o professor poderá não só determinar a recitação de poesias, mas, apresentar os fatos de maneira simples, e depois de dominado o fato, determinar a decoração da poesia, pois é pacífico em Pedagogia que decoração sem compreensão nada representa.

As aulas de História para o 1º ano devem ser dadas de acordo com o método regressivo. O professor deve partir do próximo, para depois alcançar o remoto, isto, porque a criança gosta muito de falar de si e das coisas que a rodeiam.

Quanto ao processo, todas as aulas devem ser dadas sob inspiração do processo expositivo-socrático, que consiste numa palestra amistosa, da qual participam o mestre e os alunos. No 1º ano, o aspecto socrático deve ser predominante, isto é, as perguntas devem



ser mais frequentes, mais a miúdo.

As aulas deverão ser suficientemente ilustradas.

Aulas de História sem ilustração não conseguem alcançar o seu objetivo. Seria maravilhoso o ensino através de profusões, mas não vamos sonhar, vamos pensar nas gravuras, nos desenhos, nos objetos que podem ser utilizados na aula, nos quadros de flanela, que podem ser confeccionados, porque precisamos ter em vista a expressão de Juvenal: "nōs apudmōs apenās pelos auris pōim, especiālmēte pelos oculos".



Quanto ao assunto do programa, não convém, nesta classe, estabelecerlo com rigor.

O professor deve alterar, de acordo com um critério previamente estabelecido, levando também em consideração, as possibilidades.

Em se tratando de orientação metodológica, para o ensino do que nos denominamos - conhecimentos gerais, não há fonte de informação mais rica do que o Dec. nº 6947, de 6-2-1945, a constituir uma símula do programa que deve ser vencido pela escola primária.

No 2.º ano, as aulas de História, até o fim do 1.º semestre, ainda devem ser dadas de acordo com o método regressivo; mas a partir dessa época, o método deve vir a ser mudado. O progressivo deve substituir o regressivo, isto, para as crianças de aproximadamente 9 anos, já passam a se interessar mais pelas coisas remotas do que pelas coisas próximas.

Nesta classe, o material de ilustração

deve ser tão colorido, deve ser tão atraente quanto aquele que se destina para o plano. Acontece, que o processo, que ainda continua expositivo-socrático, neste grau, deve ser menos socrático.

As perguntas já não devem ser tão frequentes, como nas aulas do 1º ano, isto porque, neste grau, através das aulas de linguagem oral, a criança adquire a capacidade de expressar pensamentos, através de histórias curtas, e não simplesmente através de perguntas e respostas.

As aulas devem ser, sempre que possível dramatizadas, pois as crianças nesta fase já entendem o que seja uma dramatização (2ª série).

Enquanto que no 1º ano as aulas devem ser exclusivamente orais, neste grau, as aulas devem ser orais e escritas.

Consolidado um ponto, o professor deverá lançar um questionário no quadro negro de tal maneira, que a

resposta deste questionário constitua o resumo do ponto.

O aluno copia o questionário em classe e responde tais perguntas em casa no seu caderno de História, e assim sendo, o aluno tem a noção de que o ponto de História que ele está estudando, foi ele mesmo quem elaborou.



Casa onde se reuniam os Inconfidentes